

Le Musée

REVISTA DO MUSEU DOS CAPUCHINHOS



estandartes no museu

“Treze Estandartes Profanos e uma
Bandeira Sagrada” exhibe colagens
têxteis de Juventino Dal Bó

***sustentabilidade
nos museus***

contribuição do programa
Ibermuseus

***a arte
contra-costura***

entrevista com o artista
Michael Cepress

EXPEDIENTE

LE MUSÉE

Revista Anual do Museu dos Capuchinhos do Rio Grande do Sul

Ano 9 – Nº 9 – dezembro de 2023

Editor Moacir P. Molon – MTB 3781

Supervisão e colaboração Christian de Lima, Frei Celso Bordignon e Raquel Brambilla

Capa Treze Estandartes Profanos e uma Bandeira Sagrada, por Juventino Dal Bó

Diagramação Gabriel Radaelli

Impressão e acabamento Editora São Miguel

Tiragem 500 exemplares

É proibida a reprodução total ou parcial do conteúdo sem autorização prévia dos editores.

MUSEU DOS CAPUCHINHOS

Diretor Celso Bordignon

Coordenação Christian de Lima

Museologia Raquel Brambilla · COREM 3R 0188-1

Endereço Rua General Mallet, 33A, bairro Rio Branco, Caxias do Sul/RS – CEP 98097-000

Telefone · WhatsApp 54 3220 9565

Instagram @muscaprs

Facebook /museucapuchinhos

E-mail coordenacao@muscap.org.br

Site www.capuchinhos.org.br/muscap

PROVÍNCIA SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS – FRADES CAPUCHINHOS DO RIO GRANDE DO SUL

Ministro Provincial Frei Álvaro Morés

Conselheiros Provinciais Freis Daison Fermino de Sá, Irineu Trentin, Alceu Ferronato e Evaldo Valdir de Freitas

Endereço Av. Alexandre Rizzo, 534C, bairro Desvio Rizzo, CEP 95110-000 – Caxias do Sul/RS

Telefone 54 3220 3270

E-mail ofmcaprs@ascap.org.br

Site www.capuchinhosrs.org.br

AGRADECIMENTO ESPECIAL AOS APOIADORES

Atelier São Lucas, Banca Rio Branco, Doris B. Bordignon, ESTEF, Fúlvia Stedile Angeli Gazola, Isabel Sebben, Luiz Carlos Bordignon, Luiza Horn Iotti, Maria Alberti Cesa, Maria Nair Sodré, Mari Joana Scherner, Maria de Fátima Freire de Sá, Nestor e Gema Gregol, Pousada São Lourenço de Brindisi, Roma Pincéis e Acessórios, Silvana Boone.

EDITORIAL

DIÁLOGO MANTÉM UM MUSEU VIVO

A cada final de ano, Le Musée se apresenta para reafirmar seus propósitos como canal de comunicação do MusCap, no contexto da Província dos Capuchinhos do Rio Grande do Sul. Não apenas retomando eventos proporcionados a seu público, mas, especialmente, abrindo caminhos de compreensão do que seja a missão de um museu.

Os leitores poderão encontrar nesta edição uma reflexão sobre a missão de um museu como instituição que dialoga com sua comunidade e seu público. De preferência, em um “diálogo crítico e democratizante”. Mesmo tendo que atravessar os tempos áspers de uma pandemia, onde tornou-se perceptível a precariedade que assolou e ainda assola nossa sociedade que tem a marca das desigualdades.

O Dia Internacional dos Museus (18 de maio) também oportunizou reflexões sobre a sustentabilidade das instituições e processos museais em âmbitos que abarcam a dimensão ambiental, cultural, social e econômica, muito bem articuladas na análise de Mônica Barcelos e Mariana Soares. Na dimensão social, por exemplo, um museu pode contribuir “na melhoria da qualidade de vida da população, promovendo o acesso à cultura, a preservação da memória e a coesão social, na busca da equidade e da diminuição das diferenças sociais de maneira universal, democrática e participativa”. Nessa visão, um museu tem “a responsabilidade de refletir e celebrar a diversidade cultural e social de suas comunidades”.

Por final, vale a leitura da entrevista com o artista plástico, músico, curador e escritor Michael Cepress, que entre muitos *insights* considera “as exposições particularmente emocionantes, porque (...) se tornam uma oportunidade para os espectadores entrarem e ficarem totalmente imersos na arte exposta.”

Moacir P. Molon | OFMCap
Editor da Le Musée



SUMÁRIO

ações

- 4 Coluna do leitor
- 5 Dia do patrimônio cultural
- 6 Visita da AAMARGS
- 7 Curso de aquarela
- 7 Yoga no MusCap

entrevista

- 8 Michael Cepress e a contra-costura

especial

- 16 Treze Estandartes Profanos e uma Bandeira Sagrada

artigos

- 21 O Natal de São Francisco de Assis
- 24 Sustentabilidade das instituições e processos museais ibero-americanos
- 30 Reflexões sobre os museus após a pandemia de covid-19

COLUNA DO LEITOR

Le Musée é um excelente periódico que nos proporciona informações sobre a história da Ordem dos Capuchinhos no Rio Grande do Sul, com maravilhosos registros iconográficos que nos fazem voltar no tempo. Além disso, nos contempla com matérias e artigos técnicos de profissionais de extrema competência sobre conservação, descrição e organização de acervos arquivísticos, bibliográficos e museológicos; traz entrevistas com personalidades de diversas áreas do conhecimento, divulgação de eventos e projetos e muito mais. Mas o que mais me chamou a atenção foram as matérias que mostram a integração da comunidade com o Museu dos Capuchinhos, através da oferta de cursos, eventos, atividades, exposições; realmente trata-se de um museu de portas abertas. Espero em breve poder ir a Caxias do Sul e conhecer o Museu e seu rico acervo.

Rosângela Rocha Von Helde · Rio de Janeiro

A Revista Le Musée representa um esforço extraordinário na valorização do patrimônio cultural, a partir da guarda e preservação dos acervos dos Freis Capuchinhos do Rio Grande Sul, que se confunde com a história do estado gaúcho. Nesse contexto, a importância do periódico ultrapassa uma mera divulgação museológica ou franciscana; na verdade, representa uma fonte sobre a história cultural, política e social. A relação dos freis de origem francesa com os povos locais, deram origem a uma narrativa que produziu devoção, resistências e contradições, muito bem representadas no seu acervo, representando um espaço democrático de divulgação do saber museológico, antropológico, histórico e da preservação do patrimônio religioso e da arte sacra católica. A Le Musée tem todo o potencial para desempenhar um papel significativo na promoção da cultura, no intercâmbio de ideias do universo museal, que se reveste de um ineditismo singular, uma vez que esses bens, de caráter eclesiástico, pouco são apresentados à sociedade numa linguagem museal.

Jacira Aparecida de Campos Ramos e René Wagner Ramos · Curitiba

O museu é sempre uma porta aberta para a imaginação e para a construção de vínculos. Nesta perspectiva, o MusCap tem sido nosso parceiro na divulgação da vida dos Freis Capuchinhos junto às crianças e adolescentes da catequese na comunidade da matriz Imaculada Conceição. Com o privilégio de sermos vizinhos na mesma quadra, no bairro Rio Branco, em Caxias do Sul, o fácil acesso é convite a frequentarmos o espaço do museu. No intuito de divulgar o que está por detrás do bellissimo trabalho de exposições, restauros e dos acervos, a revista Le Musée faz o museu se tornar próximo de nós. Há uma fonte cultural e histórica rica em cada página. Intuitivo, o periódico anual traz elementos peculiares de um passado que direciona para o futuro, cumprindo bem sua missão de transformar a comunidade e criar pertencimento à história. Parabéns pela nona edição. Paz e Bem são perceptíveis em cada matéria publicada. Louvado sejas, Senhor, por todas tuas criaturas (de ontem, de hoje e para sempre).

Monica Konzen · Caxias do Sul

A revista Le Musée é uma síntese perfeita das atividades mais importantes do MusCap realizadas durante o ano. Posso testemunhar que, foi uma honra ter participado do lançamento da 1ª Revista em 2015, alusiva a comemoração dos 15 anos do museu e 120 anos da Presença dos Freis Capuchinhos no RS, que foi sensacional a edição, é uma preciosidade. Além de ser uma revista de cunho informativo, tem uma riqueza de cultura, arte, ensinamentos e, principalmente nos apresenta com aspectos da história dos Freis Capuchinhos. Na minha casa, o último exemplar da revista de cada ano fica exposto para relermos. Além disso, procuro incentivar meus filhos adolescentes a participarem dos eventos que são realizados no MusCap, como uma oportunidade de aprenderem a valorizar a arte e a história. A cada edição a Le Musée me surpreende. Estou na expectativa de que nesta próxima terá muitas preciosidades relatadas com muito carinho, realizadas pelo Frei Celso e sua equipe maravilhosa. Parabéns!

Lizandra Mazzutti Foresti · Caxias do Sul

Envie seu depoimento para a revista Le Musée e participe das próximas edições. Você pode enviá-lo ao WhatsApp do MusCap 54 3220 9565 ou ao e-mail coordenacao@muscap.org.br.

DIA DO PATRIMÔNIO CULTURAL

Patrimônio cultural é um conceito plural que engloba todos os elementos que contribuem para a identidade de uma sociedade. Ele refere-se a bens materiais e imateriais que possuem significado histórico, cultural, artístico e social para uma comunidade, uma nação ou mesmo para a humanidade, desempenhando um papel importante na preservação da memória coletiva.

Para relembarmos a riqueza da história, da memória, da arte e das identidades culturais do território gaúcho, foi criado o “Dia Estadual do Patrimônio Cultural”, data em que as mais variadas entidades associadas ao tema propõem atividades ligadas, especialmente, à educação patrimonial.

Anualmente, o Museu dos Capuchinhos participa da programação com ações educativas que promovem reflexões e que contribuem para a criação de um pensamento crítico. Neste ano de 2023, que teve como tema “Cultura e Cidadania”, foi organizada, no dia 30 de agosto, a atividade “Cidadania e Patrimônio: Conceitos sensíveis no tempo”, com a participação das professoras do curso de História e do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Caxias do Sul, doutoras

Cristine Fortes Lia e Eliana Gasparini Xerri.

Segundo Cristine “realizar uma atividade junto ao MusCap é uma grande satisfação. O ambiente e a equipe são acolhedores. O espaço no qual as atividades acontecem remete a experiências culturais e sensíveis, potencializando a troca de saberes. A roda de conversa sobre patrimônio e cidadania estabeleceu o diálogo entre duas dimensões importantes da vida em sociedade. Reconhecer-se como cidadão e acolher o patrimônio como algo seu, que dá sentido à sua existência, e que acrescenta historicidade a vida cotidiana, foi o objetivo da fala sobre a cidadania entre os gregos. Analisar o processo histórico que identifica o cidadão como o maior patrimônio da cidade, visão grega dos conceitos, permite a produção de conhecimento sobre nossa própria existência. É visualizar uma nova dimensão da vida em sociedade. Pensar cidadania e patrimônio é permanentemente necessário. Em especial, quando ataques a memória coletiva se intensificam no Brasil.”

A atividade é uma parceria entre o Museu dos Capuchinhos, o Programa de Pós-Graduação em História – Mestrado e Doutorado UCS e a Graduação em História da Universidade de Caxias do Sul. *



ACERVO MUSCAP



VISITA DA AAMARGS

Parcerias entre instituições são fundamentais para o desenvolvimento e a democratização dos espaços museais e artísticos, promovendo visitas e pesquisas em seus acervos. Em junho deste ano, o MusCap recebeu a visita da AAMARGS – Associação dos Amigos do Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli. Na oportunidade foram recebidos pelo coordenador do museu, Christian de Lima, e pela conservadora e restauradora, Chanaísa Melo, que apresentaram ao grupo o espaço e seus principais acervos: audiovisual, documental, fotográfico, bibliográfico e museológico, além do laboratório de conservação e restauro.

O grupo além de conhecer o trabalho de preservação realizado pela equipe do MusCap, também prestigiou a exposição temporária “Treze

Estandartes Profanos e uma Bandeira Sagrada”, do artista plástico Juventino Dal Bó.

A AAMARGS tem por finalidade promover a cultura, defesa e conservação do patrimônio histórico e artístico do MARGS. A associação está localizada no subsolo do MARGS e está aberta de terça a sexta-feira, das 13h às 18h.

Chanaísa Melo, Gestora de Acervos do MusCap, apresentando o acervo fotográfico.



GILBERTO PERIN



Ateliê São Lucas

O Ateliê São Lucas é um espaço destinado a conservação e restauro de livros, documentos e obras de arte, além de aulas de desenho e pintura, cursos de conservação, restauro e encadernação.

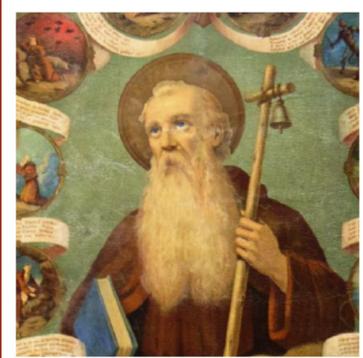
EMAIL

celso@muscap.org.br

CONTATO

(54) 3220.9585

(54) 99656.2278



CURSO DE AQUARELA

Nos dias 11, 13 e 16 de janeiro, foi ministrada no Atelier São Lucas, junto ao MusCap, a Oficina de Aquarela, orientada por Daniel Enrique Garcia Salvatori, professor e artista plástico vindo da Argentina. Nos encontros, Daniel incentivou os alunos a desenvolverem diversas possibilidades através da técnica, aprofundando o conhecimento sobre os processos de criação.

A técnica da aquarela usa pigmentos muito finos misturados com um aglutinante solúvel em água. Uma das características distintivas é a transparência das cores, sendo possível aplicar camadas de tinta sobrepostas para criar efeitos de luz, sombra e volume.

De acordo com a aluna Bianca Dickel Campanher, os encontros propiciaram instigar a imaginação. “O curso foi fantástico! Eu sabia apenas o básico sobre



Alunos durante o curso de aquarela no MusCap.

aquarela e consegui aprender bastante durante os três dias. O professor Daniel foi excelente, tinha muita paciência com todo mundo, respeitando o tempo de cada um e nos instigando a explorar nossa criatividade”. *

YOGA NO MUSCAP

Museus são espaços culturais que podem oferecer uma ampla gama de programas e eventos para envolver o público de diferentes modos. Em maio, a sala de exposições do MusCap recebeu o Yoga no MusCap, atividade cultural inserida no programa anual *#MusCapEuParticipo*, que contou com a professora Helena Zorzin em um encontro gratuito para todos os públicos. A prática aplicada tem como método o Kaiut Yoga, que une o yoga ancestral a conceitos de outras práticas terapêuticas, adaptando posições às necessidades da vida humana moderna.

“Estes eventos oportunizam à comunidade conhecer as atividades que são feitas no próprio bairro e, para mim, foi uma satisfação imensa e uma experiência poder mostrar o meu trabalho para outros públicos”, afirmou Helena.



Professora Helena Zorzin durante prática de yoga no MusCap.

Para quem quiser conhecer mais o trabalho de yoga desenvolvido pela professora Helena Zorzin, pode entrar em contato através do telefone (54) 99911 6608, do e-mail hzorzin@gmail.com ou pelo perfil no Instagram [@hz_yoga](https://www.instagram.com/hz_yoga).

MICHAEL CEPRESS E A CONTRA-COSTURA

Tradução de Bianca Dickel Campanher e Anna Tscherdantzew.

Michael Cepress é artista, músico, curador e escritor. Atualmente reside em Seattle, Washington, Estados Unidos. Há mais de 20 anos trabalha profissionalmente como artista visual, designer de roupas, músico performático e criador de exposições sobre a importância cultural e o poder das artes. Sua visão levou seu trabalho ao redor do mundo, com destaque para a exposição de suas obras no New Benaki Museum em Atenas, Grécia, a apresentação de projetos no New York's Carnegie Hall e a curadoria de sua exposição de moda "Contra-Costura" no Museum of Arts and Design de Nova York. Como músico e artista de teatro trabalha atualmente no lançamento de seu segundo álbum e atua ativamente em palcos por toda a Costa Oeste dos Estados Unidos.

Michael Cepress, Artist, musician, curator and writer. Seattle, Washington. USA For over 20 years Michael Cepress has worked professionally as a visual artist, clothing designer, performing musician and creator of exhibitions on the cultural importance and power of the arts. His vision has taken his work around the world, with highlights including exhibiting his artwork and fashion designs at the New Benaki Museum in Athens, Greece, showcasing projects at New York's Carnegie Hall and curating his fashion exhibition "Counter-Couture" at the Museum of Arts and Design in New York City. As a musician and theatre artist, he is currently working on his second album release, and actively performing on stages throughout the West coast of the United States.

MusCap: O início de carreira de um artista plástico pode variar muito, já que cada um tem suas próprias experiências e trajetórias. É comum que um artista plástico comece a se interessar pela arte desde cedo, experimentando diferentes técnicas e materiais em sua jornada criativa. Relate o início da sua carreira no mundo das artes e como ela tem se desenvolvido até agora.



LAURA SHELLY

***MusCap:** The beginning of a fine artist's career might vary greatly, as each one has its own experiences and trajectories. It is common for a fine artist to become interested in art since an early age, experimenting different techniques and materials in its own creative journey. Tell us about the outset of your career and how it has developed so far.*

Cepress: Quando criança, sempre fui artisticamente curioso e expressivo, e minha mãe diz que eu “nasci com um giz de cera vermelho na mão”. Tenho memórias nítidas da minha infância em que eu simplesmente adorava cores, desenho, dança, música e qualquer coisa que me permitisse sentir a emoção das artes. Tive a bênção de ser criado por pais que perceberam esse interesse natural em mim e fizeram o possível para me apoiar. Quando menino, ficava horas na pia da cozinha, com vários recipientes de água e corante de alimentos, brincando com os líquidos coloridos e aprendendo a misturá-los cuidadosamente e observando as cores se misturarem e oscilarem. Aos 7 anos, comecei a costurar, sob orientação de minha mãe, fazendo roupinhas para meus brinquedos e ficando fascinado pelos figurinos e roupas que músicos famosos usavam no palco. Isso me entusiasmava muito, e eu sempre quis ser como eles e ter como criar minhas próprias versões desses looks. Aos 10 anos comecei a tocar piano e aos 15 também tocava violão, iniciando a me apresentar publicamente. Todas essas experiências formaram uma base artística que sigo até hoje, onde meu trabalho continua a se desdobrar como uma mistura de música, moda e estilo, arte visual, performance de palco e a rica narrativa de histórias que surge através da combinação desses mundos.

Cepress: *As a child I was always artistically curious and expressive, and my mother says I was “born with a red crayon in my hand.” I have clear memories from my childhood of simply loving color, drawing, dancing, music, and anything that let me feel the thrill of the arts. I was blessed to be raised by parents who saw this natural interest in me, and did what they could to support it. As a boy I would stand at the kitchen sink for hours, with multiple containers of water and food coloring, playing with the colored liquids and learning to carefully mix them and watch the colors blend and swirl. At age 7 I began sewing, with my mothers guidance, making small clothes for my toys and becoming very fascinated by the costumes and clothing that well-known musical artists wore on stage. This thrilled me to no end, and I always wanted to be like them and have the means of creating my own versions of these looks. At age 10 I began playing piano, and by fifteen I was also playing guitar and beginning to perform publicly. All these experiences formed an artistic groundwork that I still follow today, where my work continues to unfold as a mix of music, fashion and style, visual art, stage performance, and the rich story telling that comes through the blending of these worlds.*

Michael Cepress e banda no palco. Seattle, Washington. *Michael Cepress and band on stage. Seattle, Washington.*



DOUG MANELSKI

Pouco antes de iniciar minha carreira profissional, concluí o bacharelado e o mestrado em Belas Artes, com ênfase em Artes Têxteis e Fibras. Enquanto estudava artes visuais na faculdade, eu também tocava regularmente com minha banda de rock'n'roll, passando meus dias no estúdio de arte têxtil e as noites e finais de semana tocando no palco de bares e clubes da região. Quando me formei na universidade, dei início aos primeiros anos da minha vida profissional como artista. Abri um pequeno ateliê e estúdio, onde eu produzia peças de alfaiataria masculina personalizada, e também desenhando e lançando coleções de pronta entrega sazonais de roupas masculinas artísticas e esculturais. Ao mesmo tempo, eu também lecionava na Escola de Arte da Universidade de Washington, e desenhava figurinos para as produções profissionais de teatro e dança moderna. Estar ativamente fazendo, exibindo e ensinando arte sempre foi muito natural para mim e é uma forma de trabalhar que alimenta meu processo. Embora eu, como muitos artistas, aprecie a solidão de trabalhar no estúdio, também sou uma pessoa que obtém uma enorme

Just prior to beginning my professional career, I completed both a bachelors and a masters degree in Fine Art with a focus in Textiles and Fiber Arts. While studying visual art in school, I was also performing music regularly with my rock'n'roll band, spending my days in the art studio, and nights and weekends on stage at area bars and clubs performing music. Upon graduation from university, I stepped into the first years of my professional life as an artist. I opened a small atelier and studio, where I offered custom men's tailoring, and also designed and released seasonal ready-to-wear collections of very artistic and sculptural men's clothing designs. At the same time, I was also teaching in the School of Art at the University of Washington, and designing costumes for professional theatre and modern dance productions. To be actively making, showing, and teaching art has always felt very natural to me and is a way of working that feeds my process. While I, like many artists, relish in the solitude of working in the studio, I am also someone who garners a tremendous amount of

Exibição “Contra-Costura: Moda Artesanal em uma Contracultura Americana”. MAD – Museu de Arte e Design. Nova York, NY. Exhibition Counter-Couture: Handmade Fashion in an American Counterculture at the Museum of Arts and Design, NYC.



JENNA BASCON/MAD

Moda e música estão entre as poucas linguagens universais da humanidade. Mesmo que as pessoas não falem o mesmo idioma, ainda assim podemos usar as roupas e a música para entender sobre quem elas são.

motivação e inspiração ao mostrar e apresentar meu trabalho publicamente. A energia de um desfile de moda ou de uma exposição em um museu me dá um impulso e um foco muito forte, ou ainda mais a maravilhosa experiência de alquímica de uma apresentação no palco, em que a música ao vivo, o design do palco, o figurino, as luzes, o público, a dança e o espírito do momento atuam livremente juntos como um só, para criar uma experiência ambiental verdadeira e completa para todos os envolvidos. Esse é o poder da arte que descobri muito cedo e que continuo explorando até hoje.

MusCap: A moda é uma forma de arte que tem uma longa história de importância e influência cultural, refletindo as crenças, valores e tradições de uma determinada época e local. No seu modo de ver, nos conte como a moda se tornou uma forma de expressão artística relevante na história da arte.

Cepress: Acredito que moda e a música estão entre as poucas linguagens universais da humanidade. Mesmo que as pessoas não falem o mesmo idioma ou não venham da mesma época ou cultura, ainda assim podemos usar as roupas e a música para entender muito sobre quem elas são. Suas crenças, suas políticas, suas práticas espirituais ou sexuais, suas tradições e rituais, suas formas de conhecer e compreender o próprio corpo como meio de expressão artística e cultural são revelados. Os materiais usados, a coloração, os padrões e símbolos da vestimenta, jóias, marcações e decoração corporais, penteados e rituais de cuidados pessoais, todas essas coisas contribuem para uma história envolvente e, muitas vezes, bastante completa de uma cultura e de um determinado momento ou lugar da história.

Quando penso nisso, me vejo muito desinteressado em moda, especialmente em termos de indústria da moda, marcas, marketing e venda de roupas, e

Fashion and music are among the few universal languages of humanity. When people may not speak the same language, we can still use clothing and music to understand about who they are.

motivation and inspiration from showing and presenting my work publicly. I get a fierce drive and focus from the energy of a fashion show or museum exhibition, or even more so the marvelous alchemical experience of a stage performance where live music, stage design, costume, lights, audience, dance and the spirit of the moment all play freely together as one to create a true and complete environmental experience for everyone involved. This is the power of art that I discovered so early on, and continue to explore today.

MusCap: Fashion is an art form that has a long history of cultural importance and influence, reflecting the beliefs, values and traditions of a particular time and place. From your point of view, tell us about how fashion became a relevant form of artistic expression in the history of art.

Cepress: I believe that fashion and music are among the very few true universal languages of humanity. When people may not speak the same language or come from the same era or culture, we can still use clothing and music to come to understand a tremendous amount about who they are. What they believe, their politics, their spiritual or sexual practices, their traditions and rituals, their ways of knowing and understanding their own bodies as a means of artistic and cultural expression are all revealed. The materials used, the coloration, the patterns and symbols of the cloth and jewelry, body markings and decoration, hair styling and grooming rituals... all of these things add up to a compelling and often quite complete story of a culture and a particular time or place in history.

When I think of this, I find myself very disinterested in fashion, especially in terms of the fashion

Meu processo como artista está constantemente em busca dos lugares onde vários tipos de expressão artística se tocam e criam uma nova energia

muito mais intrigado com o estilo pessoal ou com as vestimentas como uma expressão cultural. Acredito que é aí que reside a riqueza e onde as roupas se tornam ativamente parte de uma história cultural muito maior que está sendo contada.

MusCap: A produção artística e a moda têm desempenhado um papel importante na evolução da cultura e da sociedade. As formas de expressão criativa oferecem novos olhares sobre o mundo. Fale um pouco sobre o seu processo criativo como artista na relação entre arte e moda.

Cepress: Para mim, arte e moda são o lugar onde inúmeros meios e disciplinas se unem como um só. A moda não pode existir sem a beleza do corpo humano que lhe dá vida. A apresentação de uma coleção de moda não existe sem música, dança ou um movimento bonito e a energia da performance para dar vida às roupas. Nenhuma apresentação ou show musical é completa sem algum senso de estética e estilo que acompanhe a música ou o teatro, para decorar visualmente o palco enquanto a canção é executada para encantar o público.

Portanto, meu processo como artista está constantemente em busca dos lugares onde vários tipos de expressão artística se tocam e criam uma nova energia. Procuo pela poesia no tecido ou como uma peça de roupa “canta” em dueto com a pessoa que a está usando. Penso em como os designs que faço podem ajudar minhas próprias performances musicais a serem mais completas, para que as roupas que visto no palco ajudem a música e a poesia das letras que escrevo a serem sentidas e ouvidas mais profundamente.

Na prática, meu estúdio de trabalho permite que eu alterne livremente entre essas diferentes mídias, conforme me sinto motivado a fazê-lo. Tenho instrumentos musicais bem ao lado da máquina de costura e dos materiais de desenho, pois sinto que todos estão intima-

My process as an artist is constantly in search of those places where various types of artistic expression touch one another and create a new energy

industry, branding, marketing and selling of clothing, and far more intrigued by personal style or clothing as cultural expression. I believe that it is where the richness lies, and where clothing actively becomes part of a much bigger cultural story being told.

MusCap: *Artistic production and fashion have played an important role in the evolution of culture and society. The forms of creative expression offer new perspectives on the world. Tell us a little about your creative process as an artist within the connections between art and fashion.*

Cepress: *For me, art and fashion are the place where countless mediums and disciplines come together as one. Fashion cannot exist without the beauty of the human body bringing it to life. A presentation of clothing design has no life without music, dance or beautiful movement, and the energy of performance to bring the garments to life. No stage presentation or musical show is complete without some sense of aesthetics and style accompanying the music or theatre to visually decorate the stage while the music is performed and set free to delight the audience.*

So my process as an artist is constantly in search of those places where these various types of artistic expression touch one another and create a new energy. I search for the poetry in fabric, or how a garment “sings” in duet with the person wearing it. I think about how the designs I make might help my own musical performances feel more complete, so that the clothes I wear on stage help the music and the poetry of the lyrics I write be felt and heard more deeply.

On a practical level, my studio workspace allows me to bounce freely between these different media as I feel called to do so. I have musical instruments in the space right beside the sewing machine and drawing materials, because I feel they are all closely



ANDREW HANUSKA

Criação de moda e arte vestível por Michael Cepress. *Fashion design and wearable art by Michael Cepress.*

mente relacionados e precisam poder falar livremente uns com os outros, enquanto estou trabalhando para criar o melhor trabalho. Ao costurar, muitas vezes idealizo letras de músicas e mantenho um bloco de notas ao lado da minha máquina para escrevê-las enquanto costuro. Eu desenho todo dia, criando cenários ou imaginando visuais para a música que estou desenvolvendo.

Minha rotina e processo diário tem muito a ver com abraçar essa liberdade e não me limitar a um só modo de trabalhar, mas, em vez disso, me abrir para um jeito fluido de criar que permite que minhas múltiplas vozes criativas na arte, música, performance e roupas brinquem e cresçam juntas como um só.

MusCap: Exposições são importantes no mundo da moda e da arte por fornecerem uma plataforma para a apresentação de novas ideias, conceitos e tendências. Estas mostras permitem que designers, artistas e estilistas mostrem seu trabalho para um público maior, aumentando sua visibilidade e reconhecimento. Relate sobre seus trabalhos de curadoria.

Cepress: Concordo que as exposições são uma forma incrivelmente poderosa de contar histórias relacionadas à moda, ao estilo e à história cultural das pessoas no nosso planeta – tanto hoje como no passado. Acho as exposições particularmente emocionantes, porque não só mostram as roupas em si, mas também se tornam uma oportunidade para os designers e curadores criarem o ambiente – ou um “mundo” inteiro para os espectadores

related to one another and need to be able to speak freely with one another while I am working in order to create the best work. While sewing I often get ideas for song lyrics, and will keep a writing pad beside my sewing machine so write those down as I sew. I draw daily, creating stage designs or imagining visuals for the music I am developing.

My studio practice and daily process is very much about embracing this freedom and not limiting myself to just one way of working, but to instead open myself to a fluid way of creating that allows my multiple creative voices in art, music, performance and cloth all play and grow together as one.

MusCap: Exhibitions are important in the world of fashion and art as they provide a platform for presenting new ideas, concepts and trends. These exhibitions allow designers, artists and stylists to show their work to a wider audience, increasing their visibility and recognition. Tell us about your curatorial work.

Cepress: *I agree that exhibitions are an incredibly powerful way of telling stories related to fashion, style, and cultural history of people on our planet – both today and in the past. I find exhibitions particularly thrilling, because they not only show the clothing itself, but become an opportunity for the designers and curators to create environments – or an entire “world” for viewers to enter and become fully immersed in*



MICHELLE MOORE

“Colarinho para o Cavalheiro Moderno”, criado para a exibição RRRIPP: Moda em Papel. Atopos cvc. Atenas, Grécia. “Collars for the Modern Gentleman,” created for the exhibition RRRIPP: Paper Fashion. Atopos, Athens, Greece.

entrarem e ficarem totalmente imersos na arte exposta.

Minha exposição e projeto em andamento chamado “Contra-Costura” ou “Counter-Couture” é uma das principais formas com que investiguei a fundo essa ideia. Esse projeto é dedicado à moda artesanal e ao estilo da contracultura americana das décadas de 1960 e 1970. Olhar este momento crucial através das lentes da moda e do estilo conta uma história poderosa, enraizada na vida das mesmas pessoas que criaram esse movimento cultural em desafio à Guerra do Vietnã. Este projeto destaca seus esforços para criar novas formas autênticas de estar no mundo, por meio da expressão pessoal e de roupas feitas à mão, da exploração espiritual, da política radical, da liberação sexual e do uso da forma como nos vestimos e nos apresentamos ao mundo como elemento-chave para desbravar esse caminho.

Como curador dessa iniciativa, não selecionei simplesmente peças para serem expostas em uma galeria. Em vez disso, estou viajando para conhecer esses artistas

the art on display.

My exhibition and on going project called Counter-Couture is one of the key ways I have investigated this idea very deeply. This project is devoted to the handmade fashion and style of the American counter-culture of the 1960s and 1970s. To view this pivotal moment in history through the lens of fashion and style tells a powerful story, rooted in the lives of the very people who created this cultural movement in defiance of the Vietnam War. This project highlights their efforts to create new ways of being in the world authentically through personal expression and handmade clothing, spiritual exploration, radical politics, sexual liberation, and using how we dress and present ourselves to the world as a key element in blazing this trail.

As the curator of this endeavor, I have not simply selected pieces to be chosen for exhibition in a gallery. I am instead traveling to meet these artists



Exibição “Contra-Costura: Moda Artesanal em uma Contracultura Americana”. MAD – Museu de Arte e Design. Nova York, NY.
Exhibition Counter-Couture: Handmade Fashion in an American Counterculture at the Museum of Arts and Design, NYC.

tas pessoalmente, dedicando tempo para entrevistá-los e falar intimamente sobre suas vidas e experiências por mais de 50 anos, em meio a esse potente período cultural. Em muitos casos, também estou desenterrando peças de roupas que estiveram guardadas durante décadas, trazendo-as novamente ao mundo para serem vistas, compartilhadas e celebradas desta nova forma. Para mim, o centro disso tudo não são as roupas, mas as pessoas, os próprios artistas. As roupas que eles criaram e usaram tornam-se então um rico contador de histórias das vidas dinâmicas que essas pessoas viveram.

A primeira mostra desta exposição Counter-Couture estreou na Bellevue Arts Museum, em Bellevue, Washington, não longe da minha casa em Seattle, Washington. O sucesso visto lá criou uma oportunidade para a mostra ser reimaginada e desenvolvida para exibição no Museum of Arts and Design, na cidade de Nova York. Ambas experiências nestes museus me ensinaram muito sobre o impacto que uma exposição pode fazer nos visitantes e que meus esforços como artista/curador/historiador podem me permitir conectar-me profundamente com as pessoas, compartilhando com elas o verdadeiro poder da beleza e da arte nas nossas vidas. Essa busca incessante pela beleza e riqueza para o bem maior dos outros é a razão pela qual faço o que faço e me sinto verdadeiramente abençoado por poder continuar neste emocionante caminho de vida criativa.*

personally, spending time to interview them and speak intimately about their lives and experiences over 50 years ago in the midst of that potent cultural time. In many cases I am also unearthing garments that I have been in storage and tucked away for decades, bringing them out into the world again to be seen, shared and celebrated again in this new way. For me, the center of this all is not the clothing but the people - the artists themselves. The clothing they created and wore then becomes a rich storyteller of the dynamic lives these people have lived.

*The first incarnation of this exhibit Counter-Couture premiered at the Bellevue Arts Museum in Bellevue, Washington, not far from my home in Seattle, Washington. The success it saw there created an opportunity for the show to be reimagined and developed further for display at the Museum of Arts and Design in New York City. Both of these museum experiences taught me a tremendous amount about the impact a museum exhibition can have on museum guests, and that my efforts as an artist/curator/historian can allow me to connect very deeply with people and share with them the true power of beauty and art in our lives. This endless pursuit of beauty and richness for the greater good of others is why I do what I do, and I feel truly blessed to be able to continue down this exciting creative life path.**

TREZE ESTANDARTES PROFANOS E UMA BANDEIRA SAGRADA

a arte por Juventino Dal Bó

Exposições em museus são eventos essenciais para a preservação das diversas formas de expressões, atuando diretamente na difusão cultural. Proporcionam aos visitantes a oportunidade de conhecer espaços museais, explorando novas experiências e contemplando seus acervos, estabelecendo conexões entre os espectadores e o espaço, oportunizando a educação patrimonial.

O Museu dos Capuchinhos há mais de 20 anos oferece ao público exposições com diferentes temáticas, apresentando a comunidade seu acervo e o trabalho de artistas e coletivos convidados. São mostras

pensadas e organizadas pela equipe do MusCap ou por curadores.

Uma exposição sempre é um evento emocionante, um momento em que artistas e amantes da arte reúnem-se para conhecer a criatividade humana. Ao visitá-la, estamos envolvidos por um universo de cores e formas capturadas pela emoção do artista que as criou. Além disso, é um espaço de encontro e interação. Os artistas têm a oportunidade de compartilhar seu trabalho com o público, de mostrar sua perspectiva do mundo e de transmitir sua mensagem por meio de suas criações.

A exposição inédita “Treze Estandartes Profanos e

Abertura da exposição no dia Internacional dos Museus.



ACERVO MUSCAP



Estandartes com as figuras de Gabriel José García Márquez e Natalia Ginzburg.

O artista Juventino Dal Bó com suas irmãs Clene Josefina Dal Bó e Zilba M. Dal Bó Balardin.





uma Bandeira Sagrada”, do artista plástico e historiador Juventino Dal Bó, com curadoria do diretor e do coordenador do MusCap, Celso Bordignon e Christian de Lima, ocupou a sala de exposições de maio a agosto de 2023. Sua abertura, em 18 de maio, celebrou o dia Internacional dos Museus.

O artista, no início de sua trajetória, com as colagens em papel, fez presente em sua obra o uso das imagens. Posteriormente, com as assemblagens, a partir de objetos dos mais variados tipos e em diferentes suportes, Juventino alcançou seu mais alto

nível como artista. Agora, com esta exposição, pela primeira vez, faz uso de colagens com materiais têxteis.

O conjunto de obras apresentadas é composto por estandartes que retratam brincadeiras e exercícios nostálgicos assinados pelo artista, como uma válvula de escape para as tensões vivenciadas durante a pandemia da covid-19. São criações que unem e mesclam tecidos estabelecendo conexões entre o processo artístico e as ideias de grandes personalidades mundiais. Durante este processo, Juventino buscou formas para unir colagens, criar liames, estabelecer paralelos, imaginar fios

GILBERTO PERIN



Juventino buscou formas para unir colagens, criar liames, estabelecer paralelos, imaginar fios e costuras para conectar os espectadores às figuras emblemáticas escolhidas.

e costuras para conectar os espectadores às figuras emblemáticas escolhidas. O artista cria dicotomias e ramificações com os panos e, principalmente, com as relações que o construíram como humano, cidadão e artista.

Para quem visitou a exposição e olhou os detalhes que compõem cada obra, observou que o artista mantém uma coerência em seu trabalho, apresentando como traço principal a característica da sustentabilidade. Desde seus primeiros trabalhos artísticos identificamos o manejo com materiais descartados, fragmentos e objetos obsoletos. A carga de memória que estas peças possuem incorporam-se ao seu trabalho tornando-o único.

Entre as personalidades representadas e unidas aos tecidos – muitos deles oriundos do século XIX –, encontra-se a figura do poeta português Fernando Pessoa, da escritora italiana Natália Ginzburg, da autora do livro *Mrs. Dalloway*, Virginia Woolf, do escritor gaúcho Caio Fernando Abreu, da escritora especialista em fotografia Susan Sontag, do poeta espanhol Federico Garcia Lorca e do poeta grego Konstantinos Kaváfis, do romancista James Baldwin, do escritor francês Marcel Proust e dos ganhadores do Nobel da Literatura André Gide e Gabriel García Márquez. Junta-se aos literários os estandartes da artista plástica mexicana Frida Kahlo e do cineasta italiano Pier Paolo Pasolini.

Para a criação das obras o artista contou com a colaboração do trabalho de suas irmãs: Clene Josefina Dal Bó e Zilba M. Dal Bó Balardin. Entre as colagens e o conceito, encontramos nos materiais uma ligação forte com o trabalho tradicionalmente relacionado ao feminino. São tecidos industrializados feitos em tecelagens que utilizam majoritariamente a mão de obra feminina, com tramas artesanais que carregam horas do trabalho destas mulheres, hoje preservado por gerações nos saberes.

O ARTISTA

Juventino Dal Bó é professor, historiador e artista visual. Dedicado à defesa e preservação do patrimônio Cultural, é formado em história pela Universidade de Caxias do Sul, curso do qual foi professor e coordenador. Atuou como diretor do Museu Municipal e do Arquivo Histórico Municipal de Caxias do Sul em diferentes períodos. Ao longo de sua trajetória publicou livros e periódicos voltados para arte, memória e preservação do patrimô-



nio, entre eles, *Os Italianos no Rio Grande do Sul*, em parceria com Luiza Iotti e Vasco Machado; *O segredo dos Baús*, literatura infantil em parceria com Tadiane Tronca e, *Graças do Obscuro – Estêncéis de Marcos Vinícius Cruz*, sobre o trabalho de seu companheiro falecido em 2017. Recentemente publicou o livro *Vestígios de Ontem*, talvez – *Poemas do Caderno Verde* e *Três Cartas de Amor e Morte*.

Paralelo a estas atividades, desenvolveu intenso trabalho artístico, participando de inúmeras exposições coletivas e individuais. A assemblage e a colagem, juntamente com técnicas ditas não nobres são suas ferramentas no caminho que escolheu nas artes.

DIALOGARTE: MEMÓRIA, PRESERVAÇÃO E LITERATURA

Conversas e palestras em museus desempenham um papel significativo na compreensão do espectador, fortalecendo seu enriquecimento na experiência de visitar estes espaços. Esses eventos pro-

porcionam trocas de conhecimentos e discussões reflexivas, fazendo com que espaços museais exerçam seu papel crítico na sociedade.

Encontros como o Dialogarte, possibilitam uma série de benefícios educacionais, culturais e emocionais, atuando na formação e enriquecimento pessoal dos participantes. Desde 2014, o MusCap proporciona para seu público este bate-papo relacionado às exposições em cartaz, e desta vez, a mostra “Treze Estandartes Profanos e uma Bandeira Sagrada”, tornou-se a temática que orientou a conversa entre o artista plástico Juventino Dal Bó e a jornalista Alessandra Rech.

Na oportunidade, os professores abordaram questões referentes ao processo de criação das obras e a ligação com os literatos representados nos estandartes, concomitante a reflexões sobre literatura e arte. Para a historiadora Luiza Horn Iotti, foi “um importante momento de reflexão e troca de ideias, onde conhecemos um pouco mais sobre a trajetória da vida e da obra de Juventino Dal Bó. Uma aula sobre a história de Caxias e a luta pela preservação de seu patrimônio”. *

O NATAL DE SÃO FRANCISCO DE ASSIS

por Frei Aldir Crocoli



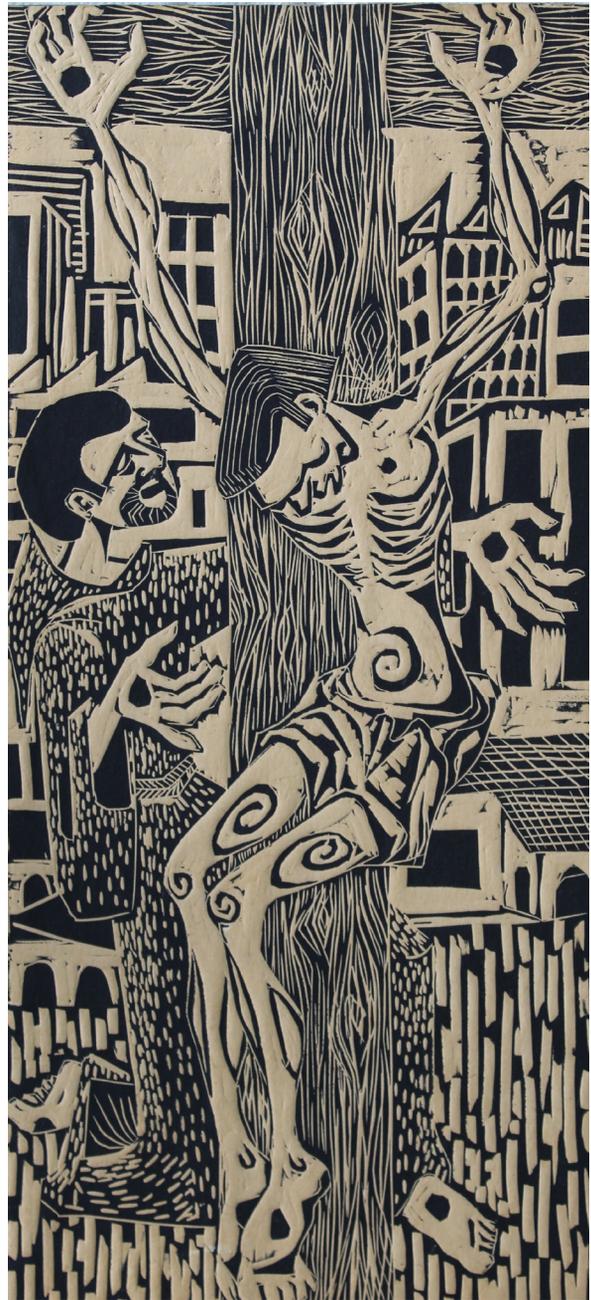
Gravura de 1983 de São Francisco de Assis, pelo artista Jerónimo Bórmida, intitulada Presépio

Faltando uns 15 dias para o Natal do ano de 1223, São Francisco se encontrava na região de Rieti, próximo a uma pequena vila chamada Greccio e disse a um amigo seu, conhecido por sua bondade, de nome João: “se desejas que celebremos em Greccio a presente festividade do Senhor (Natal), apressa-te e prepara diligentemente as coisas que te digo. Providencie um lugar adequado no meio de um bosque, uma mangedoura, um boi, um burro e feno”. O bom homem imediatamente começou a providenciar o que o São Francisco lhe solicitara. Boaventura, que foi Ministro Geral dos Frades Menores durante 17 anos, acrescenta que Francisco “pediu e obteve a licença do sumo Pontífice”, justamente para dizer o que fazer pois encenar o presépio era algo que já existia como iniciativa popular não muito bem vista pela hierarquia da Igreja, temerosa que isso, de certo modo, desvirtuasse o sentido do Natal.

Francisco leva a honra de ser o inventor do presépio, porque ele já tinha a fama de santo. O povo correu de todos os recantos trazendo tochas, o bosque se encheu de vozes, as rochas respondendo aos que se rejubilam, a presença do estimado São Francisco. Tudo concorreu para dar visibilidade e divulgação ao fato, fazendo com que fosse lhe atribuída impropriamente a invenção do presépio. Aliás, isso não está totalmente errado, porque se São Francisco não tivesse feito aquele solene evento assumindo a iniciativa popular, a celebração do Natal com o presépio teria permanecido praticamente ausente na história da Igreja.

Contam as fontes que, naquele dia do Natal de Greccio, Francisco estava vestido como diácono, proclamou o Evangelho e fez a homilia ao povo. “Prega ao povo presente e profere coisas melífluas sobre o nascimento do Rei pobre e sobre Belém, a pequena cidade”. E que naquele lugar se construiu um templo, uma igreja. E o feno do presépio operou muitas curas de animais e pessoas, e que livrou a população de Greccio de tempestadas e de ataques de animais ferozes por muito tempo.

Vale a pena averiguar nas fontes contemporâneas a *motivação* que levou Francisco a tomar essa iniciativa. Atualmente se faz o presépio porque é moda. E se quer fazê-lo bonito. Francisco teve uma motivação pessoal muito diferente: “eu quero ver, de algum modo, com os olhos corporais, os apuros e necessidades daquele Menino, como foi reclinado no presépio e, como, estando presentes o boi e o burro, foi colocado sobre o feno”. Outra fonte contemporânea afirma que Francisco quis reproduzir o máximo possível a cena do nascimento de Jesus. Alguns aspectos a salientar aqui: “ele quer ver com os olhos corporais”, o objetivo de Francisco é reproduzir a cena real do nascimento de Jesus, assim como quando acontece um acidente e as pessoas param e vão lá ver de perto o acontecido para dar-se conta de detalhes e deixar-se impactar pela cena. Quando isso acontece, as pessoas, depois, têm muito a comentar. Ver o presépio ajudou a Francisco dar-se conta do grande gesto de Deus em nosso favor. Por isso “quer representar da maneira mais verossímil possível a humildade e a pobreza do Menino Salvador”. Ao dizer “ver os apuros e necessidades daquele Menino”, não se faz um presépio bonito e bem ornamentado. Quer a reprodução da cena real do nascimento de Jesus que, como sabemos acabou colocado numa mangedoura “porque não havia lugar para ele na hospedaria”, como reza Francisco no salmo da natividade que ele mesmo criou, assumindo a informação do evangelho de São Lucas. Era inverno, tempo de frio e neve. José e Maria estavam em Belém, longe de sua casa. Eram pobres, sem recursos para poder agasalhar adequadamente o recém-nascido. Por isso Francisco deseja sentir os “apuros e necessidades” do Menino. Poderíamos dizer que o boi e o burro foram a estufa do Menino Jesus, e o feno, a sua cama. E porque a dor do filho é o sofrimento da mãe, Francisco lembra o sofrimento da Virgem Maria: “recordava de quanta penúria a Virgem pobrezinha fora circundada naquele dia”. “Estando presentes o boi e o burro”: esta tradição de colocar o boi e o burro no presépio é uma ressonância do que diz o profeta Isaías 1,2: “o boi e burro conhecem o seu dono e a sua cocheira, mas os homens não reconhecem seu Criador e Senhor”. O evangelista São João vai repetir mais tarde a mesma ideia: o Filho de Deus “veio para os seus, mas os seus não o receberam”. Francisco pedindo a presença do boi e do burro endossa a afirmação de Isaías da insensibilidade humana aos gestos de amor de Deus.



Gravura de 1983 de São Francisco de Assis, pelo artista Jerónimo Bórmida, intitulada Amor ao Crucificado.

Francisco sentiu necessidade de reavivar nos corações humanos a certeza da presença libertadora e salvadora de Deus que aceita sofrer para nos salvar.

Qual é o *sentido do Natal* para Francisco? Para Francisco, o Natal é a “festa das festas”. Ele a compara e liga à Páscoa, as duas festas fundamentais da nossa fé. No salmo criado por ele diz que “este é o dia que o Senhor fez. Alegremo-nos e nele exultemos”. Quer dizer: é um dia especialíssimo, um dia com D maiúsculo.



Gravura de 1983 de São Francisco de Assis, pelo artista Jerónimo Bórmida, intitulada O Lobo de Gúbio.

A liturgia reserva este pensamento à Ressurreição, a vitória sobre todas as forças de morte. Em um Natal, certamente anterior a este de Greccio, que caía numa sexta-feira, um frade lhe perguntou se se podia comer carne. A resposta de Francisco foi genial e mostra o quanto Francisco estimava o Natal: “irmão, pecas chamar de sexta-feira (dia de abstinência de carne) o dia em que o Menino nos foi dado. Quero que até as paredes comam carne neste dia. Se não podem, pelo menos,

que sejam esfregadas com carne por fora”.

Neste dia do Natal se celebra o grande dom de Deus Pai. Ele “enviou do alto o seu dileto Filho e nasceu da bem-aventurada Virgem Santa Maria”. É o dia da entrada de Deus em nossa história, a história da humanidade e de um quae de nós. O gesto de Deus se prolonga na Eucaristia: “eis que diariamente ele se humilha, como quando veio do trono real ao útero da Virgem, diariamente ele vem a nós na aparência humilde, diariamente desce do seio do Pai sobre o altar nas mãos do sacerdote”. Por isso, diz Tomás de Celano, seu primeiro biógrafo, que Francisco “gostava de rememorar a humildade da encarnação”. O que encantava a Francisco era justamente a capacidade de Deus em fazer-se pequeno e frágil.

Sim, Deus na pessoa de Jesus não vem a nós como grande e poderoso. “Nasceu por nós à beira do caminho”, quer dizer, entre os marginalizados, os que contam pouco na sociedade. E vem revestido da fragilidade e pequenez: dependeu de peitos humanos”. Nasce necessitado de nós humanos. Francisco se encanta com esta humildade e simplicidade de Deus e consegue compreender o alcance deste gesto divino.

E qual é nossa *resposta*? É claro que o testemunho de Jesus precisa ser seguido por nós: “nossa regra e vida é seguir os passos de Nosso Senhor Jesus Cristo”. Mas especificamente com relação ao Natal, Francisco sente que devemos prolongar a solidariedade de Deus conosco. Se Deus veio em nosso encontro para socorrer-nos, compete a nós continuar a solidariedade. Francisco disse que se lhe fosse possível pediria ao imperador decretar uma lei especial: “que todos os governantes das cidades e os senhores dos castelos e das vilas sejam ‘obrigados’, a cada ano, no dia de Natal do Senhor, espalhem trigo e outros grãos pelas estradas, fora das cidades e dos castelos, para que as aves tenham o que comer e que, por respeito ao Filho de Deus, a quem a Virgem Maria reclinou no presépio entre o boi e o asno, quem tiver esses animais, seja obrigado a provê-los abundantemente com a melhor forragem. E do mesmo modo, que neste dia, todos os pobres sejam saciados pelos ricos com bons alimentos”.

Como se vê, Francisco não se contenta em apenas celebrar espiritualmente a festa das festas. Ele quer que toda a humanidade e toda a criação possa se alegrar e entrar na lógica de Deus. Ele propõe a institucionalização da solidariedade. A humanidade não pode permanecer indiferente a tanta bondade e generosidade de Deus. *

SUSTENTABILIDADE DAS INSTITUIÇÕES E PROCESSOS MUSEAIS IBERO-AMERICANOS

contribuições conceituais e ferramentais
do Programa Ibermuseum



Mariana Soares

Gestora de projetos da Unidade
Técnica do Programa Ibermuseum



Mônica Barcelos

Coordenadora da Unidade Técnica
do Programa Ibermuseum

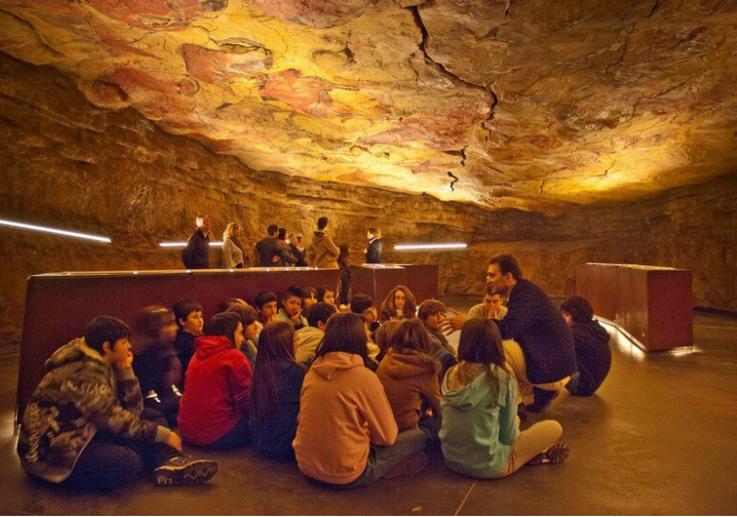
Em 2023, o Dia Internacional dos Museus, comemorado em 18 de maio, teve como norteador das reflexões o lema “Museus, Sustentabilidade e Bem-estar”. O tema une, já em seu título, uma tríade que vem sendo debatidos há algum tempo no setor museal, ganhando cada vez mais sentido no campo de estudos e práticas culturais e repercussão no campo social e comunitário. Esses três pilares-conceitos, associados e sinérgicos, indicam uma perspectiva que, embora precise ser fortalecida, vem sendo foco das ações do Programa Ibermuseum nos últimos 10 anos.

Como canalizador e catalisador dessas ações, o Programa defende e promove, desde 2015, a promoção de uma cultura da sustentabilidade nas práticas museais ibero-americanas, atuando como propulsor de atividades, reflexões e ferramentas para apoiar os museus no desenvolvimento de estratégias mais sustentáveis e de impacto em suas comunidades. Ações estas, amparadas em acordos firmados entre

uma dezena de países ibero-americanos que, naquele momento, faziam parte do Conselho Intergovernamental do Programa, e que apontam na direção de um pacto de práticas sustentáveis que sejam capazes de contribuir para a preservação da memória e melhorar a vida dos habitantes do nosso planeta, a partir de um dispositivo territorial: o museu.

A noção de sustentabilidade da cultura não surgiu de forma isolada; ao contrário, ela vem se constituindo no âmbito de uma discussão mais ampla sobre a questão da sustentabilidade do desenvolvimento e do desafio contemporâneo em assegurar a sustentabilidade da humanidade no planeta, diante de uma crise de civilização de múltiplas dimensões interdependentes: ecológica, social, política, humana, étnica, ética, moral, cultural, entre outras. (SOUSA; SILVA, 2011, p. 1)

ARQUIVO IBERMUSEUS



Museu de Altamira, Espanha.

Aliada às discussões universais, a cooperação internacional vem avançando muito na inclusão dos parâmetros da sustentabilidade no campo cultural, com a assinatura de acordos globais e regionais para reforçar a perspectiva do desenvolvimento sustentável neste domínio de ação, tendo como bússola algumas recomendações e declarações norteadoras, como a Agenda 2030 de Desenvolvimento Sustentável da UNESCO (2015) com seus 17 Objetivos do Desenvolvimento Sustentável, a Estratégia Ibero-americana de Cultura e Desenvolvimento (2020) da Secretaria-geral Ibero-Americana e a declaração final da Conferência Mundial da UNESCO sobre Políticas Culturais e Desenvolvimento Sustentável (MONDIACULT 2022), documento que vem estabelecendo parâmetros sobre o tema nas políticas culturais mundiais. Outros documentos, como a Estratégia de Cultura e Desenvolvimento da Cooperação Espanhola (2007), embora com mais tempo de trajetória, também se tornam referência de ação no contexto da cooperação no que se refere à ação cultural para um desenvolvimento sustentável.

Nesse rumo, a Declaração do 10º Encontro Ibero-Americano de Museus (2022), firmada por 18 países ibero-americanos, assume a sustentabilidade nas suas quatro dimensões – econômica, ambiental, social e cultural – como uma prioridade transversal às 14 recomendações emanadas do documento e destaca o papel dos museus na articulação das agendas de cultura e desenvolvimento sustentável. Cabe ressaltar que as contribuições da cultura para o alcance dos ODS foi incorporada ao texto da declaração do fórum político de alto nível sobre sustentabilidade, no marco da Conferência sobre os

Objetivos do desenvolvimento Sustentável, celebrada pela ONU dias 18 e 19 setembro de 2023.

We reaffirm the role of culture as an enabler of sustainable development that provides people and communities with a strong sense of identity and social cohesion and contributes to more effective and sustainable development policies and measures at all levels.

Contribuindo com o fortalecimento desta agenda, o Programa Ibermuseus entrega uma série de ações estratégicas que vão desde a publicação de um marco conceitual comum em sustentabilidade até o desenvolvimento de uma ferramenta de mensuração do grau de sustentabilidade dos museus, passando pela sensibilização do campo por meio do fortalecimento de capacidades e da promoção do intercâmbio de práticas e saberes, com o fim de permear o tema da sustentabilidade junto aos profissionais de museus.

ACORDO REGIONAL PARA UMA LINHA DE AÇÃO EM SUSTENTABILIDADE NO ÂMBITO DO IBERMUSEUS

Como primeiro passo para estabelecer uma rota no campo da sustentabilidade dos museus, em 2014, os países membros do Ibermuseus criam a Linha de Ação Sustentabilidade das Instituições e Processos Museológicos Ibero-americanos, e definem seus marcos de atuação relacionando as dimensões da sustentabilidade e as práticas museais:

- 1. Dimensão ambiental:** incorporação da sustentabilidade em todas as atividades, hábitos, processos e espaços museais, contribuindo para a proteção e conservação dos ecossistemas, dos recursos hídricos e da biodiversidade.
- 2. Dimensão cultural:** respeito à diversidade de valores e às particularidades das comunidades e dos povos, e o acompanhamento de seus processos de mudança.
- 3. Dimensão social:** contribuição na melhoria da qualidade de vida da população, promovendo o acesso à cultura, a preservação da memória e a coesão social; busca da equidade e da diminuição das diferenças sociais de maneira universal, democrática e participativa.
- 4. Dimensão econômica:** desenvolvimento de

meios e processos de funcionamento e modelos de gestão sustentáveis; busca de recursos financeiros (fluxos de investimentos públicos ou privados) necessários ao cumprimento de sua missão; contribuição para o desenvolvimento da economia local e equilíbrio econômico-financeiro.

Assim, a partir dessas quatro dimensões, o Ibermuseum assume o objetivo de contribuir para a construção de uma cultura de sustentabilidade no setor museológico, fortalecendo identidades, autonomias e o protagonismo de saberes e fazeres nos países ibero-americanos. Atua com projetos e iniciativas que viabilizem a elaboração e o desenvolvimento de ações estratégicas de pesquisa, capacitação, promoção e difusão, auxiliando as instituições e processos museais na implantação e no aperfeiçoamento da gestão museal sustentável nessas quatro dimensões, guiadas pelas seguintes diretrizes:

- Promover e legitimar o desenvolvimento de políticas públicas museais sobre sustentabilidade em cada país ibero-americano.
- Fomentar o apoio político dos países ibero-americanos para o desdobramento local das ações da Linha de Sustentabilidade, apoiado em um ambiente institucional favorável e alinhado aos princípios e diretrizes internacionais sobre o tema, como a Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável (ODS-2030).
- Articular a transversalidade do tema sustentabilidade com as demais Linhas de Ação do Programa Ibermuseum (educação, formação e capacitação, proteção do patrimônio e observatório ibero-americano de museus).
- Estimular a conexão entre os representantes técnicos e políticos de cada país membro do Ibermuseum, entre si e com as suas instituições governamentais, para permitir o desenvolvimento e implementação de políticas públicas museais sobre sustentabilidade.
- Fortalecer a ligação entre os países ibero-americanos, incidindo no aumento dos recursos humanos, tecnológicos e financeiros necessários para a implementação das iniciativas em sustentabilidade.
- Promover a implementação de ações locais integradas em sustentabilidade.

As ações que vêm sendo implementadas centram-se em três áreas principais: investigação, ação e promoção, sempre com foco no desenvolvimento

O Ibermuseum assume o objetivo de contribuir para a construção de uma cultura de sustentabilidade no setor museológico, fortalecendo identidades, autonomias e o protagonismo de saberes e fazeres nos países ibero-americanos

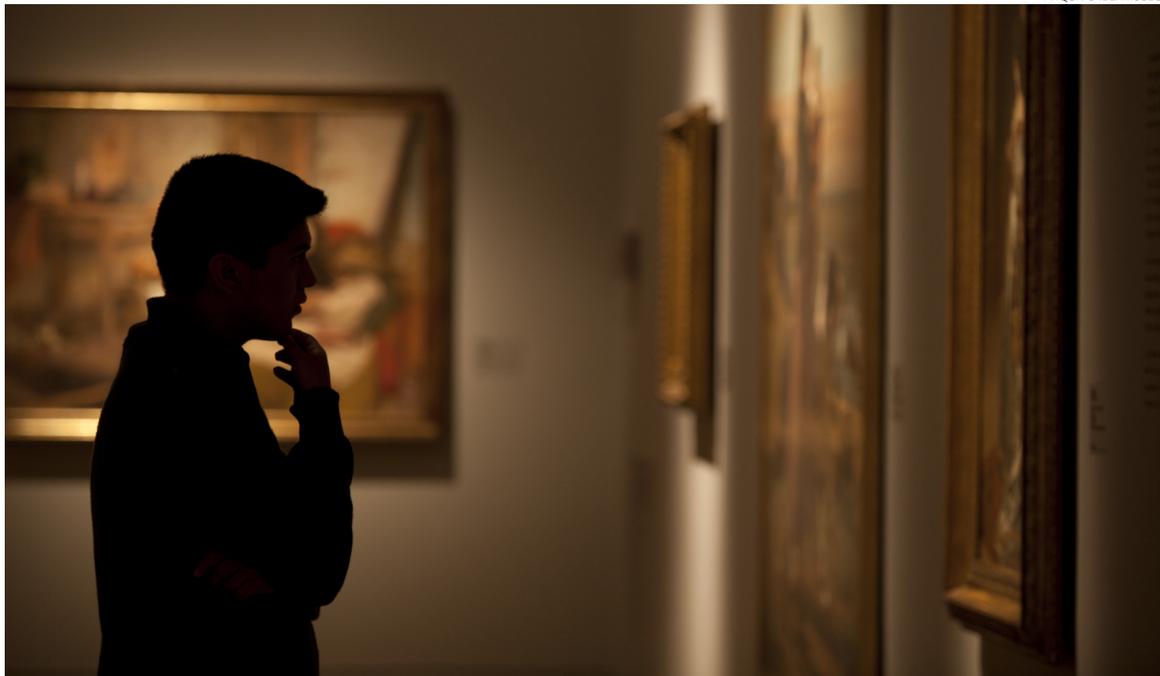
sustentável da área museológica, visando promover iniciativas que possibilitem o desenvolvimento de ações estratégicas de apoio a novos modelos de gestão e de relacionamento entre museus e comunidades.

DEFINIÇÃO DE CONCEITOS E PROMOÇÃO DE CONHECIMENTO

O Marco Conceitual Comum em Sustentabilidade das Instituições e Processos Museais Ibero-americanos (MCC) vem concretizar um dos primeiros projetos da Linha de Ação em Sustentabilidade. Sua elaboração considera e valoriza os antecedentes internacionais relativos à sustentabilidade; as pesquisas pré-existentes sobre a temática no âmbito ibero-americano; bem como a representação do ambiente institucional (leis, normas, instituições e políticas públicas) com interface com o tema, segundo cada país da região.

Sua maior força está no estímulo à multiplicação de tecnologias sociais que contribuam para o desenvolvimento local sustentável, por meio do compartilhamento das variadas experiências no Espaço Cultural Ibero-americano. Como parte integrante do Marco Conceitual, um glossário apresenta as siglas e termos utilizados no documento, procurando unificar conceitos transversais articulados com a temática da sustentabilidade no universo museal.

O Marco serve como base para a reflexão sobre um novo modelo de gestão sustentável, assim como para o desenvolvimento de ações que fomentem o desenvolvimento local e a coparticipação das sociedades em defesa do patrimônio histórico e cultural.



Museu Nacional de Belas Artes, Chile.

A capacidade das Instituições e Processos Museais Ibero-americanos, em seus empreendimentos, de promoverem continuamente o desenvolvimento local no cumprimento dos seus objetivos. (IBERMUSEUS, 2015, p.2)

Num esforço articulado e orientado, nos últimos quatro anos, o IBERMUSEUS vem realizando diversas iniciativas para a valorização do tema junto aos museus do território, havendo mapeado uma série de práticas sustentáveis em museus de 11 países e promovendo o enriquecimento das capacidades dos profissionais do setor por meio da capacitação.

Em 2019 o Programa reuniu 40 profissionais de 19 países no curso presencial “O Museu Sustentável: conceitos e experiências” (2019, Uruguai), e em 2020, no minicurso virtual “Sustentabilidade em Museus – práticas inovadoras e contribuindo para o futuro” (2020) com a participação de 70 participantes de 18 países representando a 47 instituições museais. Além disso, em 2021 promoveu o webinar “Museus e Sustentabilidade: reconstruir e reimaginar”, que soma 1400 visualizações.

Em 2023, o Programa realiza a Jornada Ibero-Americana Museus e Sustentabilidade: ferramentas, práticas e estratégias (2023, Brasília), em parceria com o Instituto Brasileiro de Museus (Ibram) e apoio do SESI Lab, como objetivo de continuar aportando ao setor museal uma maior compreensão das dimensões social, cultural,

ambiental e econômica da sustentabilidade e sua relação com as funções e práticas museológicas.

Para isso, ao longo de sua programação, a jornada abordou as oportunidades e os desafios na incorporação da sustentabilidade com base na gestão baseada em evidências. Seus números finais indicam a relevância deste debate junto aos museus ibero-americanos: participaram presencialmente cerca de 200 profissionais, que puderam acompanhar a apresentação de 35 representantes de experiências museais de 15 países. Os painéis e debates, que hoje contam com mais de 6000 visualizações nas plataformas digitais, expuseram casos exemplares na prática da sustentabilidade, que abordaram aspectos como eficiência energética, gestão de resíduos, conservação do patrimônio cultural e compromisso social e comunitário.

O grande momento da Jornada foi a apresentação do *Guia de Autoavaliação em Sustentabilidade de Museus*, ferramenta lançada em maio deste mesmo ano, em comemoração ao Dia Internacional dos Museus, para apoiar o entendimento e a implementação de práticas sustentáveis nas quatro funções primárias dos museus: i) Conservação, ii) Comunicação, iii) Investigação e iv) Educação; além de uma quinta função transversal e coordenadora denominada v) Governança, que inclui os mecanismos de liderança, direção, planejamento, gestão e monitoramento.

A Jornada Ibero-Americana configurou-se como um espaço enriquecedor de debate entre instituições e profissionais dedicados a pensar e agir de forma sustentável no campo dos museus, permitindo vislumbrar um panorama que incluiu ferramentas tangíveis para avançar no campo da sustentabilidade em museus, fortalecendo assim o papel destas instituições como agentes de mudança na construção de um futuro mais sustentável. Todas essas ações vinculadas ao processo de formação e capacitação no âmbito da sustentabilidade, contribuem para consolidar e visibilizar os ativos e os acúmulos do território ibero-americano neste campo.

GUIA DE AUTOAVALIAÇÃO EM SUSTENTABILIDADE DE MUSEUS

Em 2023 e após dois anos intensos de trabalho colaborativo que envolveu especialistas de 12 países ibero-americanos, o Ibermuseum lançou o seu Guia de Autoavaliação de Sustentabilidade de Museus, ferramenta online e gratuita que permite o diagnóstico do grau de sustentabilidade dos museus, e mais do que isso, serve como propulsora de políticas institucionais sustentáveis.

O Guia é composto por 55 indicadores que, em forma de perguntas, procuram identificar o grau de sustentabilidade das instituições museológicas no desempenho das suas quatro funções primárias: i) Preservação/Conservação, ii) Comunicação, iii) Investigação e iv) Educação; além de uma quinta função transversal e coordenadora denominada v) Governança, que inclui mecanismos de liderança, direção, planejamento, gestão e monitoramento. Para melhorar o fluxo do processo de preenchimento, as questões são agrupadas por função do museu, sendo precedidas de uma contextualização da sua temática, natureza e objetivos.

Os indicadores abrangem aspectos centrais do dia-a-dia das instituições, como meios e recursos utilizados, processos e rotinas de trabalho, serviços oferecidos à sociedade e resultados alcançados, buscando sempre correlacionar o cumprimento das funções primárias e de governança com a sustentabilidade.

Ao final do preenchimento, a pontuação total alcançada pode ser comparada com a pontuação máxima possível, o que permite identificar percentualmente o atual grau de sustentabilidade da instituição, de acordo com os critérios adotados

neste instrumento. É importante ressaltar que o Guia resulta de um processo de construção coletivo e dinâmico no âmbito do Programa Ibermuseum, e para contribuir com esse processo existem espaços livres ao longo do texto para que cada respondente insira suas críticas, elogios, sugestões de melhoria e outros comentários que serão muito bem recebidos e úteis para o constante processo de interação com o campo museológico ibero-americano.

Os museus poderão repetir a sua autoavaliação no máximo anualmente, o que é especialmente recomendado nos casos em que sejam introduzidas alterações significativas ou inovações que sejam capazes de alterar a classificação do seu grau de sustentabilidade. Por esta razão, eventuais melhorias futuras no Guia serão informadas e explicadas, de forma a dar consistência à série histórica de autoavaliações.

Desde o lançamento do Guia, 190 diagnósticos foram realizados, 32 foram convidados a participar de uma aplicação monitorada pelo Ibermuseum, com o propósito de reunir dados e indicadores relacionados as práticas de governança dos museus da região e a incorporação da sustentabilidade em suas diferentes funções. Ainda que em uma fase de exploração inicial, espera-se que o Guia de Autoavaliação em Sustentabilidade revele muitas informações sobre as condutas e práticas museais com foco na sustentabilidade.

Através dos estudos monitorados em curso, o Ibermuseum vem a consolidar evidências tangíveis sobre as prioridades-chave e áreas potenciais de melhoria em conformidade com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS). Esses estudos lançarão luz sobre os aspectos críticos que exigem atenção e proporcionarão uma compreensão abrangente das fortalezas e fraquezas dentro do marco de sustentabilidade. Esse esforço conjunto servirá como uma base sólida para aperfeiçoar e avançar em direção a um futuro mais sustentável para os museus em toda a Ibero-América, contribuindo ativamente para a busca global do desenvolvimento sustentável.

CONCLUSÃO

Ainda que o caminho traçado até agora pareça estar distante do alcance dos ODS, o percurso no campo dos museus ibero-americanos parece configurar-se como fonte de esperança, pois vem permitindo que os museus encontrem suporte e material referencial para trazer as contribuições da cultura, invisibilizada na agenda 2023, para o foco das discussões.

ARQUIVO IBERMUSEUS



Fundação Casa Grande Memorial do Homem Kariri.

Neste contexto, é importante reconhecer que a pandemia de covid-19 acentuou o distanciamento do cumprimento dos ODS, especialmente nos campos da cultura, afetando a continuidade de várias instituições museais e redefinindo prioridades. Em sua intersecção com os ODS, acreditamos que os museus devem ser reconhecidos como agentes-chave na construção da cidadania e no desenvolvimento socioeconômico e cultural de seus territórios. Isso requer compromisso coletivo e investimento adequado, ainda que enfrentem o desafio de adotar perfis mais sustentáveis nas quatro dimensões. Esta tarefa é complexa devido aos diversos cenários socioeconômicos e desigualdades na região.

Ainda assim, os museus têm a responsabilidade de refletir e celebrar a diversidade cultural e social de suas comunidades. Isso inclui equidade de gênero, pessoas com deficiência, comunidades marginalizadas e vozes historicamente excluídas e seguem desempenhando

um papel fundamental na educação e engajamento público em questões de sustentabilidade.

No futuro, esperamos expandir a adoção do nosso Guia de Autoavaliação de Sustentabilidade. Com base nos dados obtidos, esperamos ser capazes de mapear, reconhecer, divulgar e recompensar museus que incorporam a sustentabilidade de forma abrangente. Além disso, almejamos oferecer mais capacitação e recursos para promover práticas sustentáveis, reconhecendo os museus como guardiões do patrimônio e da memória. Continuaremos comprometidos em fortalecer o papel social dos museus e advogar pela sua contribuição para o bem-estar social, coesão, justiça e inclusão.

REFERÊNCIAS

- Publicações do Programa Ibermuseus.** Edição 2019. Marco Conceitual Comum em Sustentabilidade das Instituições e Processos Museais. Disponível em: <http://www.ibermuseos.org/recursos/publicaciones/marco-conceptual-comun-en-sostenibilidad/>
- SILVA, Liliana Sousa,** 2011. Sustentabilidade na cultura: da diversidade cultural à sustentação financeira. II Seminário Internacional de Políticas Culturais, 21, 22 e 23 de setembro de 2011. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa. Disponível em: https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2015/01/EncontrosFuturo_Ibram2014.pdf
- Ministerio de Asuntos Exteriores y de Cooperación,** 2007. Secretaría de Estado de Cooperación Internacional Dirección General de Planificación y Evaluación de Políticas para el Desarrollo. Estrategia de Cultura y Desarrollo de la Cooperación Española. Disponível em: Estrategia de Cultura y Desarrollo de la Cooperación Española
- Secretaría General Iberoamericana,** 2022. Estrategia Iberoamericana de Cultura y Desarrollo Sostenible. Disponível em: https://www.segib.org/wp-content/uploads/EICDS-2022_SEGIB_V01-ESP_Baja.pdf
- Declaração final da Conferência Mundial da unesco sobre las Políticas Culturais e Desenvolvimento Sustentável (MONDIACULT 2022)** Disponível em: https://www.unesco.org/sites/default/files/medias/fichiers/2022/10/6.MONDIACULT_ES_DRAFT%20FINAL%20DECLARATION.pdf
- Conferência sobre os Objetivos do desenvolvimento Sustentável,** celebrada pela ONU dias 18 e 19 setembro de 2023. *

REFLEXÕES SOBRE OS MUSEUS APÓS A PANDEMIA DE COVID-19

um museu como um lugar para novos corpos?



Angela Peyerl

Mestra em Patrimônio Cultural e Sociedade pela Universidade da Região de Joinville e Bacharel em Museologia



Luana de Carvalho da Silva Gusso

Professora do Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade da Universidade da Região de Joinville, Mestra e Doutora em Direito do Estado pela Universidade Federal do Paraná com Pós-doutoramento pela Universidade de Coimbra e Centro de Estudos em Direitos Humanos - Ius Gentium Conimbrigae na área de Democracia e Direitos Humanos

A pandemia de covid-19 pode ser considerada um marco para a história dos museus contemporâneos pois implicou, no geral, em ações e reflexões sobre seu tradicional papel social como um espaço de preservar, comunicar e pesquisar. Museus que já deveriam transcender a perspectiva de contemplação para estabelecerem com população uma relação de pertencimento e de reconhecimento.

E não para menos. Tais discussões já emergiram no contexto dos anos 70, consagradas na Declaração de Santiago de 1972, em um contexto social em que América Latina sofria com regimes de exceção. Para o campo museológico, estabeleceu-se a importância do museu como uma instituição participativa para suas comunidades, em que poderia mediar tensões e abrir espaço para o diálogo social e cultural. Nesse sentido, a Declaração de Santiago jogou uma luz nas instituições museológicas focando no papel do museu em seu território. Passados 50 anos deste marco referencial, o campo museológico segue se revendo e se (re)definindo.

Em 2019, foi a vez da Conferência do ICOM (International Council of Museums) em Kyoto, reunindo aproximadamente 4.500 profissionais de museus de 115 países, onde foi discutido a necessidade de atualização da definição de museus, afinal, trata-se de uma instituição polifônica em constante diálogo crítico e democratizante.

E neste sentido, caminhou a primeira proposição do ICOM de 2019, que versou:

Os museus são espaços democratizantes, inclusivos e polifônicos que atuam para o diálogo crítico sobre os passados e os futuros. Reconhecendo e abordando os conflitos e desafios do presente, mantêm artefatos e espécimes de forma confiável para a sociedade, salvaguardam memórias diversas para as gerações futuras e garantem a igualdade de direitos e a igualdade de acesso ao patrimônio para todos os povos. Os museus não têm fins lucrativos. São

participativos e transparentes, e trabalham em parceria ativa com e para as diversas comunidades, a fim de coleccionar, preservar, investigar, interpretar, expor, e ampliar as compreensões do mundo, com o propósito de contribuir para a dignidade humana e a justiça social, a equidade mundial e o bem-estar planetário. (ICOM, 2020)

Contudo, tal perspectiva não prosperou. O ICOM lançou uma consulta pública como parte da metodologia para a nova definição de museu. Com a constituição de um novo grupo de trabalho e uma metodologia baseada em 4 rodadas de consultas, divididas em 11 etapas, com duração de 18 meses, de dezembro de 2020 a maio de 2022, o ICOM -Brasil desenvolveu um formulário online. Essa foi a primeira ferramenta para uma consulta ampla de membros e não-membros que atuem na área museal. A nova definição passou a ser:

Um museu é uma instituição permanente, sem fins lucrativos, ao serviço da sociedade, que pesquisa, colecciona, conserva, interpreta e expõe o património material e imaterial. Os museus, abertos ao público, acessíveis e inclusivos, fomentam a diversidade e a sustentabilidade. Os museus funcionam e comunicam ética, profissionalmente e, com a participação das comunidades, proporcionam experiências diversas para educação, fruição, reflexão e partilha de conhecimento. (ICOM, 2022)

Em nossa opinião, mesmo o ICOM propondo um processo que aparenta ser democrático, a definição homologada em Praga em 2022 não contempla a totalidade do fazer e ser museu, pois o conceito anunciado ainda está eivado pela tradicionalidade peculiar do campo museológico.

Seguimos tendo uma definição que não contempla as diversidades e multiplicidades das mais diversas tipologias de museus. Discutir o papel social de um museu é entender a importância das comunidades dentro dos processos de musealização, é trazer uma representatividade seja ela de gênero, racial ou cultural, é imprescindível democratizar a instituição museu.

Estamos inseridos em um contexto global, na qual temas urgentes precisam ser debatidos, grupos precisam ser reconhecidos e maquiados mais uma vez a proposição de museu e não contemplar discussões importantes dentro do tema é abrir ainda mais espaço para o conservadorismo.

Em nosso país, a cultura e o campo museal viveu

tempos difíceis nos últimos anos. E alguns tipos de museus são impactados diretamente tendo em vista modelos mais ou menos democráticos de estados. Nessa linha, o espaço museológico sempre pode promover o debate, a pluralidade e a diversidade, o que conservadorismo/fascismo que se instaurou no país nos rende o silêncio e censura.

As memórias precisam ser negociadas a todo momento em tempos de exceção, parte delas tornam-se clandestinas, o museu cada vez mais passa a ser um projeto de poder.

Esta definição de museu nos faz refletir acerca do papel da instituição museu na sociedade, a sua função social, o seu serviço, que tem como fim garantir que todos de alguma maneira sintam-se representados dentro deste que é um símbolo de poder. Mesmo com todas as dificuldades que o campo museal enfrenta diariamente, em especial que envolvem além dos desafios de gestão e legislação, há sempre um grande problema que tangencia todas as instituições museais, que são os desafios econômicos, a falta de recursos e patrocínios que mantêm a sustentabilidade da instituição tem sido um agravante nesses últimos anos.

O campo museal como um campo de poder em meio a uma pandemia de proporções mundiais abre-se para a discutir o que é museu, no mesmo momento na qual negociamos viver, tentando driblar a morte em meio a um caos instaurado é uma tarefa um tanto árdua.

UMA MUSEALIZAÇÃO DO CORPO

O papel dos museus foi ganhando e perdendo funções de acordo com o período e a sociedade na qual estão inseridos. Por carregarem uma trajetória simbólica de poder, é que essas instituições chegaram ao século XXI com uma função social. No entanto, o campo museal no ano de 2020 sofreu grande impacto dado a pandemia de covid-19, repensar o papel do museu em meio a uma pandemia é algo imprescindível.

Pensar o museu em meio ao desconhecido, quando a humanidade foi totalmente surpreendida por uma pandemia é um tanto desafiador. Quando nos deparamos com o flagelo humano, aquele que compromete a carne, que nos expõe e que traz a miséria. A pandemia de covid-19 entrou para a história, em meio a uma sociedade que detém acesso à informação de forma instantânea, a tecnologia aplicada a

saúde, tudo isso em meio a um mundo que o sucesso em algoritmos sejam eles da genética humana ou das redes sociais fazem todo o sentido, tivemos que negociar com a morte.

Em meio a esse mundo em que o sucesso é o ideal, tivemos que lidar com questões que nos são tão caras, a morte e a finitude. Ninguém está preparado para perder, como nos traz Westphal (2021) “o projeto de um mundo sem males e da esperança de uma vida longa, prometido pela alta tecnologia desfeito ao sermos lembrados pela pandemia de que a vida humana é determinada pela precariedade” (p. 743). Uma precariedade que assolou e até hoje, dois anos depois ainda assola uma sociedade na qual abriu-se uma chaga nas desigualdades sociais. Afinal, como refletem Gusso & Gusso, a pandemia de covid-19 mostrou-se gravíssima e desafio nossos desafiando nossos modelos de entendimento, de comunicação e de relação com as pessoas e com o direito, sem falar, as políticas públicas; e seu rápido avanço confronta diariamente “as tristes imagens de sujeitos em sofrimento em leitos hospitalares e dos corpos sem vida enterrados em valas coletivas com os milhares de sujeitos em isolamento: alguns por opção não saem de casa, outros saem de casa para sobreviver, alguns sequer tem casa, outros saem de casa por opção, por negação”.

E foi uma situação tão intensa que provavelmente leve muitas décadas para que possamos como sociedade avaliar os impactos políticos, econômicos, culturais, sensoriais, jurídicos, pedagógicos, enfim, as transformações operadas sobre a vida e a morte humanas. Por isso, a arte pode ser considerada uma forma tão especial de sentir neste momento. Uma forma de reconciliar, de expressar e, também, de transgredir.

Uma das principais ações do período da pandemia foi a adoção por parte dos governos de protocolos sanitários em um estado constante de alerta e medo nos fez repensar o limiar social, a pandemia só escancarou um mundo que já vivia em flagelo e calamidade, os refugiados, as guerras no Oriente Médio tudo isso abriu espaço para um mundo na qual precisávamos parar e nos recolhermos. A miséria humana perante a guerra e ao cotidiano fadado a sobrevivência, passou a negociar com a morte, buscar referências que dessem significado a vida, diante de uma crise sanitária mundial, o que nos restava era incerteza, medo e a busca por algo que nos trouxesse uma fé.

JORNAL O GLOBO



Carreata em marcha a ré da Avenida Paulista à Rua da Consolação.

Tivemos que lidar com o tabu da morte, buscar um conforto em meio a um clima pesado que pairava no mundo. Os ritos de preparação para a morte tiveram que ser atropelados, valas comuns tiveram que ser abertas em cidades mais populosas e com alto índice de mortes diárias, os serviços de funerária não tiveram condições de realizar os ritos e os que conseguiram que ocorresse, eram velórios curtos, sem aproximação, sem toques e caixões lacrados. A morte do outro nos foi dolorosa e escancarou a proximidade com a finitude, por meio do prenúncio da própria morte. Por aqui tivemos que lidar com o luto e a negligência com os corpos. E durante o período de isolamento social uma das “válvulas de escape” e de resistência. O corpo marcado é o corpo também de protesto.

O artista Nuno Ramos juntamente com o Teatro da Vertigem em agosto de 2020, ativaram a performance “Marcha Ré”, na qual 100 veículos andaram de marcha ré em pela Avenida Paulista.

A carreata que ocupou a Avenida Paulista emitia uma sinfonia incomum, não eram buzinas e nem músicas, mas sim o som que os respiradores utilizados nas unidades de tratamento de covid-19 emitem. Segundo o artista Nuno Ramos (2020), “no Brasil, a gente está assistindo a uma marcha triunfal da violência e do descaso [com o coronavírus], acho que o que propomos com a performance é uma pequena reversão dessa energia”.

A performance impactou diretamente o coração da cidade, pois parou a Avenida Paulista e ecoou pelas vias o som dos respiradores. A performance foi intensa suscitando diferentes emoções em meio ao caos instaurado dentro de uma sociedade que estava anestesiada e estarecida com todo o genocídio que acontecia no país.

E é neste contexto social que parte o desafio de

pensar o museu. A discussão deste tema que para a classe museológica é tão estruturante, traz implicações políticas num âmbito internacional. O que é museu? Quem define o que é museu? Experimentar ser museu hoje, é uma discussão estruturante, que tem implicações políticas em dimensão internacional. Experimentar ser museu, passa pela tecnologia social que é capaz de transpor conteúdos, o museu se torna a casa, torna-se o corpo, torna-se um espaço hibridizado com novas percepções.

Ao perceber que o corpo vivo, pulsante e em movimento muitas vezes não cabe dentro das definições de museu ou os processos museológicos e museográficos existentes no Brasil, pois as instituições têm como intuito fim apenas promover a comunicação e quiçá cumprem o seu papel de salvaguarda, pois poucos são os museus que cumprem com exímio primor os processos de pesquisa, salvaguarda e comunicação. Mesmo assim, dentre as instituições que se baseiam no tripé museológico, poucas se constituem como exceções, ao trazer para dentro de seu espaço expográfico alguma intervenção artística que aborde o corpo em movimento. Ainda há um tabu quando se pensa no corpo inserido e dialógico com a exposição.

Ao refletir sobre as infinitas possibilidades de musealização, e ao tensionar a instituição “museu”, lançando uma luz nas reflexões a respeito do corpo, ou o corpo como um museu, é um trajeto desafiador a ser enfrentado. O “tornar-se algo” e “tornar-se nada” é uma transitoriedade, é um dualismo, é o processo de escarificação no mais íntimo do seu ser, nas suas cicatrizes internas, é quando damos corpo a nossa poética ou a nossa escrita. Esse é o momento que deixamos a solidão dos pensamentos e passamos a narrar, que buscamos desindexar, sendo que o corpo é composto por órgãos, por ossos, por um sistema nervoso e funcionando como um grande arquivo vivo.

Durante o período de maturação de uma escrita sobre o corpo devemos sempre lembrar que estamos falando de vivências corpóreas, nas quais ao analisar um corpo, ele não está desassociado do que está em seu entorno, ele é ação no mundo. Como nos traz Greiner (2005, p. 17) “o próprio exercício de teorizar também é uma experiência corpórea, uma vez que conceituamos com o sistema sensorio motor e não apenas com o cérebro”.

Ou seja, a teoria, o pensar corpo, é a reflexão de um acúmulo, de inúmeras experiências vividas, afinal o corpo é ação. É neste espaço do “entre” que nos relacionamos com a vida e com o corpo.

Esse corpo, que busco estressar dentro de um ambiente museológico, confronta com um universo carregado de processos, leis, conceitos e significâncias existentes em torno dessa aura mística e contemplativa que o museu carrega. A sensação de tornar-se museu e de corporificar a musealização é também passear pela habitude, é dialogar em uma linha tênue entre o ser, o estar e o autoconhecimento.

Na imagem abaixo a obra *Deslocamentos* de Marta Soares que foi realizada no octógono da Pinacoteca do Estado de São Paulo, é um primeiro ensaio para pensar na musealização do corpo em movimento, esse corpo que cria figuras híbridas, sem classificação que simultaneamente, podem vir a ser homem e mulher, vivo e morto, é esse corpo liberto de juízo, é nesse trânsito imbuído de memórias e subjetividades dentro do espaço museológico que inicia essa discussão.

O corpo se apresenta quando o paradigma se vira, quando se organiza o pensamento corpo, para Artaud (1983) tudo é corpo, quando a sonoridade silenciada começa a emergir do corpo. A constituição de um corpo libertado de seus automatismos não é um conceito, é um constante exercício relacional de corpo e pensamento.

O exercício inicial de teorizar o corpo em movimento como um objeto passível de musealização ainda é mergulho a ser explorado no campo museal. Esse é um primeiro ensaio para refletir essas transformações que o campo vem sendo atravessado nos mais distintos séculos, é a percepção das diferentes

Obra “Deslocamentos”, de Marta Soares.



ACERVO MARTA SOARES

roupagens que o museu ganha e perde.

É um primeiro olhar para as funções sociais da “instituição museu” de acordo com o período e a sociedade na qual estiveram inseridos. Refletir sobre essa instituição culmina nos atuais enfrentamentos do campo, não basta se estar no museu, sentir o museu é necessário que o objeto torne-se passível de musealização, é importante compreender a realidade distinta de cada um.

Tantas performances e bailarinos já utilizaram seu corpo, seu grito, sua história para corporificar suas memórias, onde o corpo não é inserido no museu como um objeto, como o campo museológico não compreende a finitude. Assim como o corpo os objetos também morrem e é nesse interim que propomos o início dessa discussão.

É possível musealizar um corpo em movimento? Quais os desafios que as instituições museológicas da contemporaneidade enfrentam nas suas práxis? É necessário descolonizar o pensamento museológico para poder re-pensar os museus e seus processos?

As micropercepções do campo da criação, abre um processo de escarificação do encontro da vida com a turbulência da criação. É fundamental para estabelecer um diálogo do corpo em movimento do dançarino ou performer dentro do espaço museológico. Entender que é necessário expandir o campo do patrimônio e em especial o campo museal para um diálogo além da materialidade do objeto, entendendo que o corpo do dançarino/performer em movimento pode se tornar passível de ser musealizado.

É nessa falha, nesse espaço de escape que é possível tecer o fio de Ariadne, ao trazer o corpo em movimento como ato passível de musealização. Compreendendo que musealização sob a ótica de Waldisa Rússio “concernem objetos que possuem valores de testemunho, de documento e de autenticidade com relação ao homem e a natureza” (GUARNIERI apud BRUNO, 2010, p. 125).

Dizer o indizível é algo que encontra-se expresso no corpo em movimento, está no interim daquilo que nos escapa. Esta discussão já foi abordada na Semana Nacional de Museus de 2017, na qual os museus brasileiros já se debruçaram a pensar em suas “narrativas museográficas que são produzidas a partir de escolhas, disputas de poder e silêncios. Tal seleção produz ausências e esquecimentos: é o que chamamos de ‘não dito’”, (IBRAM, 2017).

Esse corpo, ao ser estressado dentro de um am-

biente museológico, confronta um universo carregado de processos, leis, conceitos e significâncias existentes em torno dessa aura mítica e contemplativa que o museu carrega. A sensação de tornar-se museu e de corporificar a musealização é também passear pela habitude, é dialogar em uma linha tênue entre o ser, estar e o autoconhecimento. Na contemporaneidade pensar o corpo como um objeto museológico requer repensar os próprios processos museológicos.

Uma vez que o corpo em movimento pode tornar-se musealizável, é imprescindível acionar as suas ocupações, com seus rabiscos, marcas, cortes e suas subjetividades. Cada um sabe “a dor e a delícia de ser o que é”, que cada manifestação seja um bailar pelo corpo, que os limites sejam transpostos pelo “corpo sem órgãos”, sem os automatismos dando espaço a finitude como qualquer outro objeto museológico, que carrega consigo memórias.

Artaud (1983) nos lança uma semente de reflexão sob o corpo sem órgãos, sendo essa uma maneira particular do nosso corpo ter acesso ao mundo (sentidos), fragmentado e segmentado que nos faz experimentar a natureza, entendendo que cada órgão é particular, com seus fluxos e fruições. Cada órgão agencia um objeto parcial.

PARA PENSAR

A pandemia ressignificou o uso e o significado das coisas, os objetos cultuados e sacralizados dentro do espaço museológico que eram passíveis de aproximação, agora tornaram-se interação virtual. Os museus abriram-se a debates e à ressignificação institucional, facilitaram o surgimento de novos discursos, ao passo que promoveram a diversidade.

E neste contexto pensamos em Deleuze, na qual nos instiga a não parar e problematizar o museu a partir de sua não-permanência, ele não pode se acomodar e cair em um limbo, esperando a sua existência, pois o museu é potência e movimento. Democratizar o acesso por meio digital e se rever nesse momento pandêmico foi importante, porém não é um sistema estanque, é uma maquinação, um constante plural de conexões.

Os museus durante a pandemia foram espaços de respiro, de reconhecimento e identidade, nos voltamos à poética da memória, à valorização do outro, da história de vida. Diariamente os números nos assustavam, a vida nua, o flagelo da carne era capturado pela política do estado de exceção. A importância das instituições museológicas durante a pandemia, com a virtualização

Uma vez que o corpo em movimento pode tornar-se musealizável, é imprescindível acionar as suas ocupações, com seus rabiscos, marcas, cortes e suas subjetividades.

de suas atividades, ofereceram um certo conforto para a solidão, para o corpo aprisionado e para o luto coletivo.

A compreensão de que o museu tem um papel importante na sociedade, independentemente da sua tipologia, reverberou nesse momento a importância do cumprimento e da reavaliação da Política Nacional de Museus, é necessário que o estado tenha uma política que salvasse e balize as instituições. Essa aproximação e reconhecimento que os museus tiveram durante a pandemia precisa continuar marcando sua presença. Talvez esse seja um dos exímios trabalhos que o Museu da Pessoa cumpre, em trazer para o espaço sacralizado o culto do outro, da palavra, do corpo.

A abstração de uma instituição museu, na qual André Malraux (2008) se propõe a pensar, quando cria o museu imaginário, na qual transpõe fronteiras de espaço e tempo, possibilitando que se ative qualquer lugar e a qualquer momento, sem precisar de cubos brancos ou caixas cinzentas que servem para abrigar todas as obras de arte. Malraux emerge com seu museu imaginário de uma forma poética, podemos dizer que como um barco, como nos traz Ribeiro (2010):

Sem jamais lançar âncora e sem jamais se deixar engolir, afundar que o museu imaginário permanece interessante para a deriva da imaginação. O museu imaginário se transforma em museu do imaginário, fixando institucionalmente a travessia do labirinto das imagens e capturando o próprio espaço-tempo entre as imagens como uma positividade. (RIBEIRO, 2010)

Esse museu que Malraux nos tenciona a pensar e a utilizar, é o espaço da memória viva, é o espaço do corpo e do movimento é como a poética do labirinto, aquilo que perseguimos, que está corporificado, é o escape, a multifacetação, talvez seja aquilo que Aby

Warburg procurou, é o que Lina Bo Bardi conseguiu criar quando projeta o MASP. O museu imaginário é aquilo que buscamos no mais íntimo do ser, é na deriva, no rizoma, que essa paisagem imagética vai tomando forma, que vai se transformando e mudando a cada momento, o museu imaginário é o corpo em movimento, é algo que não é estático. É a luta desse corpo que ficou preso durante a pandemia e seguiu produzindo memórias e histórias.

O corpo é sempre representado no museu, esteve sempre presente desde os primórdios do que entendemos como museu, porém a historiografia só começa a olhar para o corpo em 1970 quando a Nova História “olha pelo buraco da fechadura” e busca entender os embates do corpo, os gestos, as falas, os modos de se relacionar com esse mecanismo.

REFERÊNCIAS

ARTAUD, Antonin. Escritos de Antonin Artaud (Cláudio Willer, Trad.). Porto Alegre: L&PM Editores Ltda, 1983.

GREINER, Christine. O corpo: pistas para estudos interdisciplinares. São Paulo: Annablume, 2005.

INTERNATIONAL COUNCIL OF MUSEUMS (2007). Evolution de la définition du musée selon les statuts de l'ICOM (2007-1946). Paris: ICOM, disponível em <http://archives.icom.museum/hist_def_fr.html>. Acesso em Agosto de 2021.

INTERNATIONAL COUNCIL OF MUSEUMS (ICOM). 7th. General Conference of Museums. Amsterdam, Netherlands, 11 July 1962. Disponível em: <<http://www.icom.museum>>. Acesso em: 25 set. 2021.

UNESCO. Declaração de Santiago do Chile. 1972. Disponível em http://www.museologiaportugal.net/index.php?option=com_content&view=article&id=3:declaracao-de-santiago1972&catid=3:declaracao-de-santiago-do-chile-1072&Itemid=3.

WESTPHAL, Euler Renato. A Bioética no processo de humanização da medicina: uma abordagem interdisciplinar. In: ANGOTTI NETO, Hélio (org.). Mirabilia Medicinæ 3. V.2, p.75-94, Jul-Dez. 2014. Disponível em: <https://www.revistamirabilia.com/sites/default/files/medicinae/pdfs/med2014-02-06.pdf>.

WESTPHAL, Euler Renato. A precariedade humana em tempos de pandemia: meditações insólidas sobre a finitude da vida. Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica, v. 6, n. 18, p. 740-756, 7 set. 2021. *



VILA CAPUCHINHOS

Complexo Turístico

Venha viver momentos incríveis na Vila Capuchinhos



Uma experiência que inclui espiritualidade, vinhos e gastronomia.

Sinta-se convidado a experimentar momentos de paz e harmonia em nosso Complexo Turístico em Vila Flores. Na Vila Capuchinhos temos piscinas cobertas provenientes de águas termais, vinícola Cave dos Frades, área de lazer, capela onde os Freis Capuchinhos celebram missas, trilhas em meio a natureza para você fazer caminhadas. Cada detalhe recebe muito carinho e cuidado para que você sinta toda a paz em seu coração quando nos visitar.